Quem responde pelas palavras do poeta

Tragédia, citação e autoridade na palavra pública

Brian Gordon Lutalo Kibuuka
Ethos, *Praxis* e *Poiesis* na Cultura Grega (03008237)
Universidade de Coimbra · Doutoramento em Estudos Clássicos
4 de dezembro de 2026

H1 Objetivos e convenções de leitura

Este handout acompanha o seminário. Ao final, o estudante deverá reconstruir dois contextos de uma citação, distinguir texto literal e síntese interpretativa, identificar operações de deslocamento e formular uma conclusão com limites explícitos.

H2 Ficha do acontecimento de citação

Use a ficha antes de avaliar fidelidade, pertinência ou eficácia. Cada resposta deve apontar uma palavra, um trecho ou um dado de contexto. Quando a documentação não permite responder, registre “indeterminado”.

Não é necessário que todas as dimensões mudem. Uma frase pode conservar uma norma e alterar seu destinatário. Pode conservar as palavras e mudar a função. O resultado diz em que plano ocorre a mudança.

Quadro H1. Campos para reconstruir o acontecimento de citação.

Campo	Pergunta	Evidência esperada
Fonte	Quem fala no texto antigo?	Personagem, destinatário e lugar na ação.
Recorte	O que foi selecionado ou resumido?	Palavras, versos, omissões e fronteiras do trecho.
Mediação	Como a fonte chegou ao citador?	Tradução, adaptação ou edição demonstrável.
Nova cena	Quem fala agora e em qual papel?	Instituição, gênero do discurso e destinatário.
Operação	O que se conserva e o que muda?	Léxico, referente, modalidade e função.
Finalidade	Que decisão ou atitude se favorece?	Pedido explícito ou inferência apoiada no encadeamento.
Contraleitura	Que outra leitura o documento admite?	Passagem que resiste ao primeiro diagnóstico.
Limite	O que ainda não está demonstrado?	Resultado, recepção ou intenção que exigem outras fontes.

Do dado linguístico à hipótese discursiva

Quadro M1. Três escalas do método. As relações são qualitativas e não medem fidelidade.

Escala	Operação de leitura	Resultado controlável
Morfologia	Identificar lema, caso, pessoa, tempo, modo e partículas.	Precisar o que a forma admite e excluir traduções incompatíveis.
Sintaxe	Reconstruir predicação, sujeitos, complementos, negação e subordinação.	Mostrar quem avalia, quem age e que relação é afirmada.
Discurso e retomada	Comparar o funcionamento na obra e na nova situação.	Distinguir preservação, mudança de referente ou modalidade e finalidade explícita/inferida.

A passagem entre as escalas exige uma inferência argumentada. A morfologia não fornece acesso à intenção íntima; a sintaxe não comprova a eficácia de uma política; a interpretação discursiva precisa voltar ao texto e ao contexto que a sustentam.

H3 Conceitos com aplicação

Os conceitos são perguntas operatórias. Evite acrescentá-los ao final apenas para nomear o que já foi presumido. A coluna de aplicação mostra como o conceito altera o procedimento de leitura.

Intencionalidade explícita é uma finalidade declarada pelo locutor. Intencionalidade inferida é uma estratégia reconstruída a partir do texto. Intencionalidade indeterminada é aquela para a qual faltam dados. Essa classificação não mede sinceridade.

Quadro H2. Conceitos e aplicações no corpus.

Conceito	Definição de trabalho	Aplicação no corpus
Êthos	Credibilidade e imagem do locutor construídas na enunciação.	Guterres se apresenta como responsável por um compromisso institucional.
Prâxis	Ação situada, com motivos, normas e consequências.	A conduta de Creonte põe à prova as máximas que ele enuncia.
Configuração	Composição que relaciona acontecimentos numa obra.	Ler a promessa de Creonte junto às respostas e ao desfecho.
Refiguração	Encontro entre o mundo da obra e a compreensão da ação pelo leitor.	O diagnóstico trágico torna-se recurso para pensar a confiança pública.
Cena de enunciação	Papéis e formas de autoridade pressupostos e construídos ao falar.	Distinguir tribunal, juramento na ONU e deliberação no Senado.
Destacamento	Retirada ou projeção de um segmento para nova circulação.	A máxima de Creonte passa a integrar a acusação de Demóstenes.
Aforização	Apresentação de uma frase como enunciado relativamente autônomo e autorizado.	Verificar quando a voz do poeta parece absorver a fala situada da personagem.
Retorsão	Reaplicação de um argumento a quem antes o utilizara.	Demóstenes devolve a Ésquines o critério das companhias.

Passagens dos autores e aplicação ao método

"a interseção do mundo do texto com o mundo do ouvinte ou do leitor" (Ricœur 1984, 71). Tradução da edição inglesa de 1984, traduzida por Kathleen McLaughlin e David Pellauer.

A expressão caracteriza a *mímesis* III: a recepção põe em relação o mundo configurado pela obra e o mundo da ação efetiva. O argumento pertence à investigação sobre tempo e narrativa, não a uma teoria geral da substituição de palavras. Não equiparar automaticamente refiguração a alteração lexical. O texto pode permanecer verbalmente idêntico e receber outra aplicação; uma variante verbal também pode não produzir a interpretação que o analista supõe.

Original francês: "L'*ethos* est crucialement lié à l'acte d'énonciation" (Maingueneau 2002, 58). Tradução: "O *ethos* está decisivamente ligado ao ato de enunciação".

Excerto de uma frase que prossegue distinguindo a imagem produzida ao falar das representações já disponíveis ao público. Preservar essa continuação conceitual na explicação oral, sem fazer do excerto uma negação do *ethos* pré-discursivo. *Ethos* não é sinônimo de sinceridade interior nem prova de intenção psicológica.

Original francês: "ils sont brefs et fortement structurés" (Maingueneau 2006, 108). Tradução: "são breves e fortemente estruturados".

Maingueneau descreve sequências destacáveis em uma passagem de Le Cid, de Corneille. Não está analisando diretamente Sófocles. A aproximação entre esses critérios e o corpus grego é uma operação analítica desta aula. Destacabilidade é possibilidade textual; destacamento é operação observada; aforização é regime enunciativo específico. O artigo distingue, já na página 107, os enunciados autonomizados das citações reinseridas na continuidade de outro texto. Não chamar toda citação oratória de aforização.

G1 O caráter como efeito persuasivo do dizer

Aristóteles, Retórica 1.2, 1356a4–5; contexto 1356a1–13.

διὰ μὲν οὖν τοῦ ἤθους, ὅταν οὕτω λεχθῇ ὁ λόγος ὥστε ἀξιόπιστον ποιῆσαι τὸν λέγοντα.

Tradução: [A persuasão se produz] pelo caráter, portanto, quando o discurso é proferido de tal modo que torna digno de crédito aquele que fala.

Texto adotado: Texto grego digital do Centre for the Greek Language, Μνημοσύνη, Retórica 1355b–1356a. Edição crítica de referência para consulta: Ross 1959; a transcrição específica foi conferida no portal.

Quadro G1. Formas gregas e consequências interpretativas. Análise do texto indicado.

Forma e lema	Morfologia	Função e consequência interpretativa
διὰ τοῦ ἤθους διά; ἦθος	preposição com genitivo singular neutro	meio pelo qual se produz a persuasão
ὅταν ὅτε + ἄν	conjunção temporal indefinida/iterativa	introduz a condição geral com subjuntivo
λεχθῇ λέγω	aoristo passivo do subjuntivo, 3ª singular	verbo da oração introduzida por ὅταν; ὁ λόγος é seu sujeito
ὥστε … ποιῆσαι ὥστε; ποιέω	conjunção consecutiva; aoristo ativo do infinitivo	consequência correlacionada a οὕτω
ἀξιόπιστον ἀξιόπιστος	acusativo singular masculino	predicativo do objeto τὸν λέγοντα: digno de crédito
τὸν λέγοντα λέγω	particípio presente ativo, acusativo singular masculino, substantivado	objeto de ποιῆσαι: aquele que fala

Sintaxe. A abertura é elíptica: o contexto fornece o campo da persuasão. A tradução explicita o elemento suprido entre colchetes. Ὅταν com subjuntivo descreve uma situação geral de funcionamento discursivo. O aoristo λεχθῇ não indica aqui um passado cronológico; está no subjuntivo e apresenta o proferimento como evento. Οὕτω … ὥστε liga a maneira de dizer ao resultado de tornar o falante confiável. A construção ποιεῖν + objeto + predicativo é especialmente clara: não se descreve apenas uma qualidade anterior do indivíduo, mas a constituição de uma posição de credibilidade no discurso.

Funcionamento discursivo. O desenvolvimento imediatamente posterior insiste em que esse efeito deve ocorrer διὰ τοῦ λόγου e não apenas pela opinião previamente formada sobre o falante. Assim, a aproximação com o *ethos* discursivo é sustentada por uma construção grega precisa, sem afirmar que Aristóteles e Maingueneau possuam teorias idênticas. Citar o poeta pode apresentar o orador como educado, prudente ou moralmente autorizado. Essa credibilidade é um efeito a investigar; não é um certificado de sinceridade nem de verdade factual.

Limite da leitura. Ἦθος não é simplesmente sinônimo de ética; no trecho, sua função é persuasiva. As formas de aoristo fora do indicativo não devem ser traduzidas mecanicamente como passado. A construção de credibilidade não prova o caráter real do falante nem a verdade da acusação.

G2 A ação como objeto da representação

Aristóteles, Poética 6, 1450a16–17.

ἡ γὰρ τραγῳδία μίμησίς ἐστιν οὐκ ἀνθρώπων ἀλλὰ πράξεων καὶ βίου [...]

Tradução: Pois a tragédia é representação, não de seres humanos, mas de ações e de vida [...]

Texto adotado: Texto de Kassel, edição corrigida de 1966 (reimpressão de 1968), conferido na reprodução institucional da Universidade de Freiburg; πράξεων, genitivo plural.

Quadro G2. Formas gregas e consequências interpretativas. Análise do texto indicado.

Forma e lema	Morfologia	Função e consequência interpretativa
ἡ τραγῳδία τραγῳδία	nominativo singular feminino	sujeito de ἐστιν
μίμησίς μίμησις	nominativo singular feminino	predicativo do sujeito; o segundo acento decorre da enclítica seguinte
ἀνθρώπων ἄνθρωπος	genitivo plural	complemento de μίμησις: objeto representado
πράξεων πρᾶξις	genitivo plural feminino	complemento de μίμησις, contraposto a ἀνθρώπων
βίου βίος	genitivo singular masculino	complemento coordenado de μίμησις
οὐκ ... ἀλλά οὐ; ἀλλά	negação e conjunção adversativa	corrigem a prioridade atribuída ao objeto da representação

Sintaxe. A cópula ἐστιν liga o sujeito à definição μίμησις. Os genitivos dependentes respondem à pergunta: representação de quê? A oposição οὐκ ... ἀλλά estabelece uma prioridade teórica. Não significa que a tragédia prescinda de agentes humanos: o próprio contexto afirma que a ação é praticada por agentes. O alvo é a redução da tragédia à caracterização de pessoas; a composição de acontecimentos tem precedência na construção do enredo. Πράξεων é plural na leitura aqui reproduzida; não deve receber a análise morfológica de πράξεως, que é singular e aparece em outras constituições do texto.

Funcionamento discursivo. O ganho para a análise da citação é metodológico: uma máxima de Creonte participa de uma ação cujo desenvolvimento pode expor a insuficiência da própria máxima ou a incoerência de quem a pronuncia. Isolar a proposição altera sua relação com a ação. A gramática indica o objeto da representação; o enredo permite julgar o alcance do que uma personagem diz. Note bem: uma fala trágica não se torna automaticamente uma tese pessoal do poeta.

Limite da leitura. O recorte termina com reticências porque se interrompe a sequência argumentativa e se evita reproduzir aqui o segmento subsequente marcado criticamente por Kassel. A localização mais precisa deste início é 1450a16, dentro do intervalo anteriormente usado 1450a15–17. Não misturar silenciosamente πράξεων e πράξεως. A passagem tem problemas textuais também depois de βίου; não é necessário resolvê-los para a operação didática proposta. Leitura πράξεων confirmada no texto de Kassel, edição corrigida de 1966, reproduzido pela Universidade de Freiburg.

H4 Cronologia e personagens

Não confunda data da representação dramática, tempo mítico representado e data da retomada. As datas aproximadas permanecem assinaladas. O intervalo entre a *Antígona* e a acusação de Demóstenes ajuda a compreender a importância das reapresentações e da memória teatral.

Quadro H3. Cronologia da composição e das retomadas.

Data	Pessoa ou acontecimento	Relevância
c. 441 a.C.	Representação tradicionalmente atribuída à *Antígona*.	A peça antecede em cerca de um século o processo de 343.
406/405 a.C.	Morte de Sófocles.	*Édipo em Colono* será representado postumamente.
401 a.C.	Representação de *Édipo em Colono*.	Fonte da formulação sobre confiança e desconfiança.
346 a.C.	Paz de Filócrates com Filipe II.	Contexto da embaixada de Demóstenes e Ésquines.
343 a.C.	Processo sobre a embaixada.	Demóstenes aplica a fala de Creonte a Ésquines.
18 jun. 2021	Juramento de António Guterres na ONU.	Inversão declarada do diagnóstico de Sófocles.
16 ago. 2022	5ª reunião da CTENORTE no Senado brasileiro.	Contarato evoca *Antígona* para fundamentar um pedido de repúdio.

H5 Antígona e Demóstenes

Contexto antigo. Creonte se dirige ao coro de anciãos tebanos depois da morte de Etéocles e Polinices. Apresenta critérios de governo. Antígona contestará o decreto que impede o sepultamento de Polinices. Hémon questionará a identificação da cidade com a vontade de um homem. A leitura local da máxima deve permanecer ligada a essa composição.

> Sófocles, *Antígona* 175–177: "ἀμήχανον δὲ παντὸς ἀνδρὸς ἐκμαθεῖν / ψυχήν τε καὶ φρόνημα καὶ γνώμην, πρὶν ἂν / ἀρχαῖς τε καὶ νόμοισιν ἐντριβὴς φανῇ." Tradução: "É impossível conhecer a alma, a disposição e o juízo de qualquer homem antes de ele se mostrar experimentado no governo e nas leis."
>
> Sófocles, Antígona 182–183: "καὶ μείζον' ὅστις ἀντὶ τῆς αὑτοῦ πάτρας / φίλον νομίζει, τοῦτον οὐδαμοῦ λέγω." Tradução: "E quem considera um amigo mais importante do que a própria pátria, a esse não dou valor algum."

G3 O poder como prova do caráter: o programa de Creonte

Sófocles, Antígona 175–177. Creonte apresenta aos anciãos de Tebas os princípios de seu governo depois da morte recíproca de Etéocles e Polinices. A máxima integra sua primeira fala pública como governante; o desenvolvimento da tragédia também a faz incidir sobre ele. Demóstenes incorpora o trecho mais amplo de 175–190 à argumentação contra Ésquines em Sobre a falsa embaixada 19.247.

ἀμήχανον δὲ παντὸς ἀνδρὸς ἐκμαθεῖν

ψυχήν τε καὶ φρόνημα καὶ γνώμην, πρὶν ἂν

ἀρχαῖς τε καὶ νόμοισιν ἐντριβὴς φανῇ.

Tradução: É impossível conhecer a fundo a disposição interior, o modo de pensar e o juízo de um homem, qualquer que seja ele, antes que se mostre experimentado no exercício de cargos e de leis.

Texto adotado: Sófocles 1912, Antígona 175–177, texto grego editado por Francis Storr.

Quadro G3. Formas gregas e consequências interpretativas. Análise do texto indicado.

Forma e lema	Morfologia	Função e consequência interpretativa
ἀμήχανον ἀμήχανος	Adjetivo, nominativo neutro singular, em construção impessoal; cópula subentendida.	Predicado de impossibilidade aplicado à oração infinitiva ἐκμαθεῖν. A frase delimita uma condição para conhecer o caráter; não afirma que toda autoridade seja virtuosa.
παντὸς ἀνδρός πᾶς; ἀνήρ	Genitivo masculino singular nos dois termos.	Dependência dos três objetos ψυχήν, φρόνημα e γνώμην; valor generalizante de παντός. O alcance inclui o próprio Creonte: sua regra pode ser usada para avaliá-lo.
ἐκμαθεῖν ἐκμανθάνω	Infinitivo aoristo ativo.	Núcleo da oração infinitiva dependente de ἀμήχανον. Aponta para o alcançar de um conhecimento efetivo; o aoristo apresenta o processo em bloco, sem significar aqui passado cronológico.
ψυχήν / φρόνημα / γνώμην ψυχή / φρόνημα / γνώμη	Acusativos singulares: feminino / neutro / feminino.	Objetos coordenados de ἐκμαθεῖν. O tríptico distingue aspectos da interioridade e do julgamento, sem instituir por si uma psicologia técnica de três faculdades estanques.
πρὶν ἄν πρίν; ἄν	Conjunção temporal e partícula modal.	Introduzem oração temporal com subjuntivo, dependente da impossibilidade expressa na principal. O exercício efetivo constitui a condição anterior necessária à avaliação.
ἀρχαῖς τε καὶ νόμοισιν ἀρχή; νόμος	Dativos plurais; νόμοισιν é forma poética em -οισι com ν móvel.	Complementam ἐντριβής, especificando os domínios em que alguém foi experimentado. ἀρχή significa aqui cargo, governo ou exercício de autoridade; νόμοι remetem às leis e à sua administração.
ἐντριβής ἐντριβής	Adjetivo nominativo masculino singular.	Predicativo do sujeito de φανῇ. A experiência do governo expõe o caráter. Não traduzir automaticamente como “íntegro” ou “justo”.
φανῇ φαίνω	Aoristo passivo do subjuntivo, terceira pessoa singular, com sentido intransitivo “mostrar-se/aparecer”.	Verbo da oração πρὶν ἄν. O que está em jogo é como o homem se manifesta na prática, e não uma leitura imediata de sua mente.

Sintaxe. A estrutura é impessoal: “é impossível” + “conhecer” + três objetos + “antes que”. O grego não pede um sujeito privilegiado que seja capaz de penetrar diretamente a interioridade do governante. O subjuntivo φανῇ não constitui uma declaração de dúvida psicológica. Com πρὶν ἄν, marca uma condição temporal ainda aberta dentro da generalização. Na tradução, “experimentado” conserva a ligação entre experiência e prova. “Provado no exercício de cargos e de leis” também é admissível; “versado em leis” sozinho perde o componente de manifestação pública do caráter.

Funcionamento discursivo. Creonte constrói uma imagem de governante que admite critérios públicos de avaliação. A tragédia submete essa imagem à prova pela ação subsequente. A máxima, por isso, é

autocomprometedora: quem formula um critério fica exposto a ele. A voz do personagem deve continuar identificada. Apresentar a frase como uma simples declaração de Sófocles apagaria a distância entre a norma enunciada por Creonte e a situação dramática que a testa.

Deslocamento na retomada. No caso de Demóstenes, o trecho oferece uma regra para julgar retrospectivamente o exercício de uma missão política. A linguagem generalizante de παντός facilita a passagem da personagem teatral ao adversário judicial. A intenção de acusar Ésquines é demonstrável na nova moldura argumentativa; a morfologia do verso não a contém previamente. A análise deve mostrar primeiro a regra dramática, depois sua atribuição ao réu e, por último, o efeito acusatório.

Limite da leitura. A tradução de ψυχή por "alma" é possível, mas pode sugerir uma entidade metafísica cuja presença não é exigida por este contexto político. A recontextualização não torna Creonte automaticamente porta-voz de uma teoria democrática.

G4 Amigo, pátria e julgamento: a máxima de Creonte mobilizada no tribunal

Sófocles, Antígona 182–183. A declaração pertence a Creonte e integra a justificativa que desembocará na proibição do sepultamento de Polinices. Trata-se de uma preferência política formulada em primeira pessoa, embora a abertura com ὅστις lhe confira alcance generalizante.

καὶ μείζον᾽ ὅστις ἀντὶ τῆς αὑτοῦ πάτρας

φίλον νομίζει, τοῦτον οὐδαμοῦ λέγω.

Tradução: E aquele que considera um amigo mais importante do que a própria pátria, a esse eu não atribuo valor algum.

Texto adotado: Leitura μείζον᾽, com elisão de μείζονα, conforme a edição e o comentário de R. C. Jebb; não se identifica silenciosamente essa forma à leitura digital μεῖζον de Storr.

Quadro G4. Formas gregas e consequências interpretativas. Análise do texto indicado.

Forma e lema	Morfologia	Função e consequência interpretativa
μείζον᾽ μέγας; comparativo μείζων	Acusativo masculino singular μείζονα, com elisão do α diante de ὅστις, na leitura aqui adotada.	Predicativo de φίλον na construção com νομίζει. A superioridade é atribuída ao amigo: "julga um amigo mais importante". A explicitação editorial é necessária para não atribuir caso e gênero errados à forma não elidida μεῖζον.
ὅστις ὅστις	Pronome relativo indefinido, nominativo masculino singular.	Sujeito de νομίζει; retomado por τοῦτον. Generaliza a classe dos homens avaliados e facilita o uso posterior da máxima em outro caso.
ἀντὶ τῆς … πάτρας ἀντί; πάτρα	Preposição com genitivo; πάτρας, genitivo feminino singular.	Complemento de preferência na comparação estabelecida com μείζονα. Não basta dizer "contra a pátria": o ponto é pôr a amizade acima do vínculo com a comunidade política.
αὑτοῦ ἑαυτοῦ	Pronome reflexivo, genitivo masculino singular, forma contraída.	Determina πάτρας e remete ao sujeito de νομίζει. "A própria pátria" torna a preferência uma questão de pertencimento do agente julgado.
φίλον φίλος	Acusativo masculino singular, adjetivo substantivado.	Objeto de νομίζει, qualificado pelo predicativo μείζονα. O texto fala de um amigo ou aliado pessoal. O referente contemporâneo precisa ser demonstrado pelo contexto da reutilização.
νομίζει νομίζω	Presente do indicativo ativo, terceira pessoa singular.	Verbo de julgamento, com objeto e predicativo. O presente generalizante formula uma orientação de valor; não constitui por si uma lei promulgada.
τοῦτον οὗτος	Demonstrativo, acusativo masculino singular.	Retoma ὅστις como objeto de λέγω. O gesto de identificação é produtivo para um acusador: depois de citar a regra, pode apontar seu adversário como aquele homem.

Forma e lema	Morfologia	Função e consequência interpretativa
οὐδαμοῦ οὐδαμοῦ	Advérbio locativo negativo usado idiomaticamente em avaliação.	Com λέγω: "não o tenho em conta", "não lhe atribuo valor". Não se trata de localização geográfica; a expressão executa uma desqualificação.
λέγω λέγω	Presente do indicativo ativo, primeira pessoa singular.	Verbo principal da avaliação retomadora. A primeira pessoa obriga a perguntar quem é o "eu" em cada cena de enunciação: Creonte, o orador que cita ou ambos em níveis distintos.

Sintaxe. O período articula uma relativa generalizante e uma retomada demonstrativa: "quem faz X — esse, eu avalio como Y". Na relativa, φίλον e μείζονα compõem objeto e predicativo de νομίζει; na principal, τοῦτον retoma o indivíduo submetido ao juízo. A preferência é organizada por ἀντί com genitivo. A tradução "mais importante do que" explicita em português a relação construída por comparativo e preposição. A leitura μείζον᾽ exige que se reconstrua a vogal elidida: μείζονα. A forma μεῖζον sem elisão, encontrada no texto digital de Storr, não deve receber automaticamente a mesma etiqueta morfológica; há tradição textual e discussão interpretativa a distinguir.

Funcionamento discursivo. A formulação não é uma verdade sem locutor. A cláusula λέγω registra uma voz que define quem merece reconhecimento. Na cena teatral, essa voz é a do governante que prepara um decreto controverso. O destaque isolado pode transformar uma fala dramaticamente problemática em aforismo de autoridade. Recuperar a sintaxe da primeira pessoa e a sequência do decreto permite descrever a operação sem reduzir toda reutilização a erro ou fraude.

Deslocamento na retomada. Em Demóstenes 19.247–250, a oposição entre amizade e pátria pode ser aplicada à acusação de que Ésquines favoreceu interesses associados a Filipe. O referente do φίλος deixa de ser o horizonte imediato do decreto tebano e passa a funcionar na disputa ateniense. O deslocamento combina mudança de gênero — tragédia para discurso judicial —, mudança de destinatário — anciãos de Tebas para jurados atenienses — e reposicionamento do adversário. O dado lexical não demonstra que a acusação seja historicamente verdadeira: mostra como se constrói a avaliação. Se esta máxima reaparecer em material contemporâneo, é preciso localizar a citação efetiva. A afinidade temática entre patriotismo moderno e o verso não basta para afirmar uma relação documental.

Limite da leitura. Não atribuir diretamente a Sófocles a condenação pronunciada por Creonte. Não confundir "pátria" antiga com o Estado nacional moderno. Não chamar μεῖζον sem elisão de acusativo masculino singular: registrar a leitura textual adotada.

G5 Proclamação mortal e normas divinas: a resposta de Antígona

Sófocles, Antígona 450–457. Interrogada por Creonte, Antígona reconhece que realizou o sepultamento e recusa a superioridade de sua proibição. A fala responde a uma autoridade presente, em situação de risco de morte. Justiça, Δίκη, é aqui personificada e associada aos deuses do mundo inferior.

οὐ γάρ τί μοι Ζεὺς ἦν ὁ κηρύξας τάδε,

οὐδ᾽ ἡ ξύνοικος τῶν κάτω θεῶν Δίκη

τοιούσδ᾽ ἐν ἀνθρώποισιν ὥρισεν νόμους.

οὐδὲ σθένειν τοσοῦτον ᾠόμην τὰ σὰ

κηρύγμαθ᾽, ὥστ᾽ ἄγραπτα κἀσφαλῆ θεῶν

νόμιμα δύνασθαι θνητὸν ὄνθ᾽ ὑπερδραμεῖν.

οὐ γάρ τι νῦν γε κἀχθές, ἀλλ᾽ ἀεί ποτε

ζῇ ταῦτα, κοὐδεὶς οἶδεν ἐξ ὅτου ᾽φάνη.

Tradução: Pois não foi Zeus quem me proclamou essas coisas, nem a Justiça, que habita com os deuses de baixo, estabeleceu entre os seres humanos leis desse tipo. Tampouco eu julgava que as tuas proclamações tivessem tamanha força que tu, embora mortal, pudesses ultrapassar as normas não escritas e firmes dos deuses. Elas não vivem somente de hoje ou de ontem, mas desde sempre, e ninguém sabe desde quando apareceram.

Texto adotado: Sófocles 1912, Antígona 450–457, texto grego editado por Francis Storr.

Quadro G5. Formas gregas e consequências interpretativas. Análise do texto indicado.

Forma e lema	Morfologia	Função e consequência interpretativa
μοι ἐγώ	Pronome pessoal, dativo da primeira pessoa singular.	Dativo de referência/interesse associado à proclamação. A negativa é pronunciada pela destinatária da ordem; não é uma formulação jurídica sem posição enunciativa.
ὁ κηρύξας κηρύσσω	Artigo + particípio aoristo ativo, nominativo masculino singular.	Expressão substantivada/predicativa que identifica o agente da proclamação, em oração com Ζεύς e ἦν. A questão inicial é quem possui autoridade para proclamar, antes de ser qual o conteúdo abstrato da norma.
ξύνοικος ξύνοικος	Adjetivo nominativo feminino singular, de dois gêneros.	Determina Δίκη: a Justiça que coabita com os deuses inferiores. O vínculo funerário e religioso é textual; não é um acréscimo opcional do intérprete.
ὥρισεν ὁρίζω	Aoristo indicativo ativo, terceira pessoa singular.	Predicado de Δίκη; rege νόμους. Apresenta o estabelecer de normas como ato de delimitação; a negativa retira essa origem divina dos decretos de Creonte.

Forma e lema	Morfologia	Função e consequência interpretativa
ᾠόμην οἴομαι	Imperfeito do indicativo médio, primeira pessoa singular, verbo de sentido ativo.	Verbo de pensamento que introduz σθένειν. Antígona enuncia o julgamento que orientou sua ação: "eu não julgava". O argumento continua situado na voz da personagem.
τὰ σὰ κηρύγμαθ᾽ σός; κήρυγμα	Artigo, possessivo e substantivo no acusativo neutro plural; κηρύγματα sofre elisão.	Sujeito da oração infinitiva σθένειν. A posse "tuas" individualiza as proclamações de Creonte e as contrapõe à referência θεῶν.
σθένειν σθένω	Infinitivo presente ativo.	Infinitiva dependente de ᾠόμην. O contraste diz respeito à força/eficácia normativa atribuída às proclamações, não apenas à sua existência.
ἄγραπτα κἀσφαλῆ ἄγραπτος; ἀσφαλής	Adjetivos no acusativo neutro plural; κἀσφαλῆ é crase de καὶ ἀσφαλῆ.	Qualificam νόμιμα, objeto de ὑπερδραμεῖν. "Não escritas" e "firmes" especificam a autoridade invocada. Ἀσφαλής não significa aqui segurança policial.
θεῶν νόμιμα θεός; νόμιμος	θεῶν: genitivo plural; νόμιμα: adjetivo substantivado acusativo neutro plural.	Normas ou observâncias cuja referência de autoridade são os deuses. Não há no sintagma a expressão moderna "direitos humanos". O passo até ela precisa ser descrito como operação de recepção.
θνητὸν ὄνθ᾽ θνητός; εἰμί	Acusativo masculino singular; ὄντα, particípio presente ativo, elidido.	Predicação circunstancial sobre o sujeito implícito, masculino, de δύνασθαι/ὑπερδραμεῖν; referência a Creonte. A sintaxe muda do sujeito neutro plural "tuas proclamações" para o governante mortal que pretenderia transgredir. Não fazer θνητόν concordar com κηρύγματα.
ὑπερδραμεῖν ὑπερτρέχω	Infinitivo aoristo ativo.	Complemento de δύνασθαι; rege νόμιμα. A imagem de ultrapassar ou transpor um limite apresenta a violação de uma autoridade superior.
ζῇ ταῦτα ζάω; οὗτος	Verbo presente indicativo ativo, terceira singular; demonstrativo nominativo neutro plural.	ταῦτα é sujeito de ζῇ; concordância singular com neutro plural. A flexão singular não prova, sozinha, a unidade metafísica das normas nem um erro textual. A personificação procede do verbo "viver", não dessa concordância regular.
οἶδεν οἶδα	Perfeito ativo, terceira pessoa singular, com valor de estado presente.	Verbo de conhecimento, sujeito οὐδείς. Traduzir "sabe", e não automaticamente "soube": a origem temporal permanece fora do conhecimento humano.
ἐξ ὅτου ᾽φάνη ἐκ; ὅστις; φαίνω	Expressão temporal; ἐφάνη, aoristo passivo indicativo, terceira singular, com sentido intransitivo.	Interrogativa indireta sobre o início temporal do aparecimento das normas. A origem indeterminável sustenta o contraste entre permanência reivindicada e promulgação recente.

Sintaxe. As negativas coordenadas recusam que Zeus ou a Justiça sejam os agentes das proibições de Creonte. O texto não nega a existência de normas divinas: nega que essas ordens particulares possuam tal origem. ᾠόμην rege a oração infinitiva "tuas proclamações terem tanta força". A sequência τοσοῦτον … ὥστε estabelece a consequência ou alcance que Antígona rejeita: um mortal poder ultrapassar as normas dos deuses. A oração resultativa permite reconstruir "tu", Creonte, como sujeito de δύνασθαι. θνητὸν ὄντα é uma circunstância concessiva: "embora mortal". O acusativo identifica a dependência da estrutura infinitiva. O contraste νῦν / χθές / ἀεί organiza uma assimetria temporal. A posição defendida por Antígona dá às normas divinas uma validade que precede o presente do governante.

Funcionamento discursivo. A fala é simultaneamente uma justificação do ato e uma recusa da competência normativa de Creonte. O possessivo σά e o genitivo θεῶν distribuem as instâncias de autoridade em conflito. A oposição entre κηρύγματα, νόμοι e νόμιμα deve ser estudada dentro do argumento. As palavras não criam, isoladamente, um sistema universal e rígido em que todo νόμος seria estatal e todo νόμιμον divino. A ação fúnebre é inseparável dos vínculos familiares, cívicos e religiosos da peça. Uma leitura centrada na dignidade humana pode ser produtiva como recepção, mas não deve apagar essas mediações.

Deslocamento na retomada. Na fala de Fabiano Contarato sobre Bruno Pereira e Dom Phillips, a invocação de Antígona pode converter o conflito funerário em argumento de respeito aos mortos, luto público e responsabilização política. A expressão moderna "direito de velar os mortos" deve ser identificada como formulação do orador ou paráfrase, e não retrovertida como tradução literal deste trecho. A análise pode indicar três deslocamentos demonstráveis: das observâncias vinculadas aos deuses inferiores para um vocabulário público de direitos; do conflito de parentesco tebano para a morte de pessoas identificadas no debate brasileiro; da autodefesa da personagem para a interpelação parlamentar. Em termos de cena enunciativa, a força da recusa é conservada, mas a autoridade que a sustenta e o destinatário responsabilizado são reconstruídos. A determinação da intenção deve apoiar-se na moldura efetivamente pronunciada no discurso, não em uma equivalência lexical automática.

Limite da leitura. "Sagrado" e "direito" não constituem tradução palavra por palavra de ἄγραπτα κἀσφαλῆ θεῶν νόμιμα. A referência aos deuses inferiores não deve ser apagada por uma universalização retrospectiva. A análise não exige decidir em poucas linhas toda a disputa filosófica entre lei natural e lei positiva.

G6 A cidade não pertence a um só homem: a réplica de Hêmon

Sófocles, Antígona 734–739, especialmente 737. O diálogo entre Creonte e seu filho Hêmon já se tornou um confronto sobre autoridade, juventude e deliberação. Os versos alternam as vozes: Creonte 734, Hêmon 735, Creonte 736, Hêmon 737, Creonte 738, Hêmon 739. Citar somente 737 sem identificar Hêmon apaga a resposta a uma pretensão concreta de governo.

πόλις γὰρ ἡμῖν ἀμὲ χρὴ τάσσειν ἐρεῖ;

ὁρᾷς τόδ᾽ ὡς εἴρηκας ὡς ἄγαν νέος;

ἄλλῳ γὰρ ἢ ᾽μοὶ χρή με τῆσδ᾽ ἄρχειν χθονός;

πόλις γὰρ οὐκ ἔσθ᾽ ἥτις ἀνδρός ἐσθ᾽ ἑνός.

οὐ τοῦ κρατοῦντος ἡ πόλις νομίζεται;

καλῶς γ᾽ ἐρήμης ἂν σὺ γῆς ἄρχοις μόνος.

Tradução: Creonte: Pois a cidade nos dirá o que devo ordenar? / Hêmon: Vês como falaste como alguém excessivamente jovem? / Creonte: Devo governar esta terra para outro, e não para mim? / Hêmon: Pois não existe cidade que pertença a um único homem. / Creonte: Não se considera que a cidade pertença a quem governa? / Hêmon: Muito bem governarias, sozinho, uma terra deserta.

Texto adotado: Sófocles 1912, Antígona 734–739, texto grego editado por Francis Storr.

Quadro G6. Formas gregas e consequências interpretativas. Análise do texto indicado.

Forma e lema	Morfologia	Função e consequência interpretativa
πόλις πόλις	Nominativo feminino singular, terceira declinação.	Sujeito de ἔστι na primeira oração de 737. A questão é a definição relacional da comunidade política, não apenas a extensão de um território.
γάρ γάρ	Partícula postpositiva.	Conecta a réplica à afirmação/interrogação precedente. A máxima funciona como razão que contesta a posição de Creonte; não surgiu originalmente isolada.
οὐκ ἔσθ’ οὐ; εἰμί	Negação + presente indicativo, terceira singular; ἔστι com elisão e aspiração diante de ἥτις.	Uso existencial: “não há/existe”. A frase nega que determinada organização possa contar como cidade.
ἥτις ὅστις	Relativo, nominativo feminino singular.	Sujeito da segunda forma de ἐστί, retomando πόλις. Caracteriza a cidade cuja existência é negada: aquela que pertence a um único indivíduo.
ἀνδρός … ἑνός ἀνήρ; εἷς	Genitivos masculinos singulares.	Predicativo de posse com ἐστί. O ponto linguístico explícito é a posse exclusiva; deduzir daí uma constituição democrática completa seria excessivo.
τοῦ κρατοῦντος κρατέω	Artigo e particípio presente ativo, genitivo masculino singular, substantivado.	Genitivo de posse na pergunta de Creonte 738. Creonte reformula a cidade como propriedade daquele que detém o poder.
ἂν … ἄρχοις ἄν; ἄρχω	Partícula + presente do optativo ativo, segunda singular.	Optativo potencial em 739. A resposta de Hêmon projeta uma situação irônica: o governo solitário seria adequado a uma terra sem habitantes.
ἐρήμης … γῆς ἔρημος; γῆ	Genitivos femininos singulares.	Complemento de ἄρχοις, que pode reger genitivo. A retirada dos habitantes revela por absurdo a insuficiência do poder sem comunidade.
μόνος μόνος	Adjetivo nominativo masculino singular.	Predicativo do sujeito σύ. O isolamento do governante completa o contraste entre monólogo do poder e cidade habitada.

Sintaxe. Em 737, a primeira forma de ἐστί é existencial; a segunda, com genitivo, expressa posse. Traduzir as duas indiferentemente como “é” pode esconder a estrutura do argumento. A objeção de Hêmon é respondida por nova pergunta de Creonte, que torna a posse explícita: “do que governa”. O optativo potencial de 739 fornece a contraprova irônica.

Funcionamento discursivo. A forma breve resulta de um confronto em réplicas. Não se trata de um tratado constitucional, mas de uma intervenção que disputa quem pode falar pela cidade. A crítica do filho atinge a equivalência entre governar e possuir. A força generalizante do 737 não elimina seu papel de réplica situada.

Deslocamento na retomada. O verso é útil como controle quando materiais contemporâneos o destacam em defesa da participação política: a orientação contra a apropriação pessoal do poder tem apoio textual; a equivalência imediata com sufrágio universal, separação de poderes ou determinado sistema constitucional

não tem. No circuito de uma citação, registrar "Hêmon, em Sófocles" preserva uma informação decisiva. A indicação apenas "Sófocles" aumenta a aparência de aforismo autoral e enfraquece a percepção do confronto entre vozes.

Limite da leitura. Manter a alternância dos locutores: a frase 737 é de Hêmon; a resposta 738, de Creonte. O genitivo de posse não prova sozinho uma teoria de soberania popular nos termos modernos.

> Demóstenes 19.247, excerto traduzido: "Examinai que palavras o poeta faz esse Creonte Ésquines pronunciar nesta peça." A expressão combina personagem, memória de atuação e acusado. O comentário de 19.248 aplica a oposição pátria/amigo às relações de Ésquines com Filipe e ao silêncio que a acusação lhe atribui.

Paráfrase do argumento forense. Demóstenes afirma que Ésquines conhecia os versos e deveria ter reconhecido a prioridade da cidade. A amizade com Filipe é apresentada como lucrativa, e a falta de advertência é ligada ao perigo que a acusação identifica. Essas imputações são a posição do acusador. A máxima poética não dispensa a prova dos fatos.

Contraleitura. A exigência de não preferir uma vantagem privada à segurança cívica pode ser defensável, embora Creonte fracasse. A peça também permite ler sua trajetória como distância entre proclamar uma norma e agir segundo ela. Registrar conservação normativa e redução da pluralidade dramática é mais preciso do que afirmar falsificação integral.

Quadro H4. A máxima de Creonte na peça e no processo.

Dimensão	Na peça	No processo
Locutor	Creonte.	Demóstenes enquadra e manda ler a fala.
Cidade	Tebas.	Atenas.
Amigo	Categoria do argumento.	Filipe, na aplicação acusatória.
Destinatário	Coro de anciãos.	Juízes atenienses.
Função	Apresentação de um critério de governo.	Censura e exigência de coerência do embaixador.
Limite	A ação dramática põe a máxima à prova.	A norma não demonstra a premissa factual da acusação.

G7 Quem fala Sófocles, Creonte ou Ésquines

Demóstenes, Sobre a falsa embaixada 19.247; contexto 19.246–250.

ταῦτα τοίνυν ἐν τῷ δράματι τούτῳ σκέψασθ᾽ ὁ Κρέων Αἰσχίνης οἷα λέγων πεποίηται τῷ ποιητῇ, ἃ οὔτε πρὸς αὑτὸν οὗτος ὑπὲρ τῆς πρεσβείας διελέχθη οὔτε πρὸς τοὺς δικαστὰς εἶπεν.

Tradução: Considerai, então, neste drama, que palavras o poeta fez dizer a esse Creonte-Ésquines: palavras que este nem disse a si mesmo acerca da embaixada nem pronunciou diante dos juízes.

Texto adotado: Tradição digital de Perseus, cujo catálogo identifica Butcher 1903; recorte conferido na reprodução Ancient Library e em Wikisource. Não houve colação do exemplar impresso.

Quadro G7. Formas gregas e consequências interpretativas. Análise do texto indicado.

Forma e lema	Morfologia	Função e consequência interpretativa
σκέψασθ᾽ σκέπτομαι	aoristo médio do imperativo, 2ª plural; elisão de σκέψασθε	convoca os juízes a examinar a representação
ὁ Κρέων Αἰσχίνης Κρέων; Αἰσχίνης	nominativos singulares masculinos	designação em aposição: funde o papel dramático e o adversário
οἷα οἷος	acusativo plural neutro	objeto de λέγων: que espécie de coisas/palavras
λέγων λέγω	particípio presente ativo, nominativo singular masculino	construção predicativa com πεποίηται: representado dizendo
πεποίηται ποιέω	perfeito médio-passivo do indicativo, 3ª singular; sentido passivo	a representação dramática já constituída é apresentada como disponível
τῷ ποιητῇ ποιητής	dativo singular masculino	agente junto do perfeito passivo
ἃ ὅς	pronome relativo, acusativo plural neutro	retoma as palavras e as faz objeto dos verbos seguintes
οὗτος οὗτος	demonstrativo nominativo singular masculino	retoma e aponta o adversário no cenário judiciário

Sintaxe. Os nomes estão no nominativo: ὁ Κρέων Αἰσχίνης. A forma não é Κρέοντα Αἰσχίνην, nem esses acusativos devem aparecer entre aspas como se fossem o texto. A aposição articula o personagem e o ator/orador. Πεποίηται com λέγων não afirma que Sófocles tenha escrito sobre o Ésquines histórico; a expressão cria uma identificação polêmica apoiada na carreira teatral alegada no contexto. O relativo ἃ conserva as palavras como objeto comum, enquanto οὔτε … οὔτε compara duas omissões atribuídas a Ésquines: não aplicá-las a si e não as levar aos juízes.

Funcionamento discursivo. Em 343 a.C., no processo relativo à embaixada de 346 a.C., Demóstenes faz a máxima cívica de Creonte funcionar contra Ésquines. A atribuição de voz é o dispositivo central: autor dramático → personagem → ator → acusado. O imperativo pede ao júri que realize o confronto; o

demonstrativo reinscreve o texto antigo no aqui do tribunal. O texto documenta a acusação e sua encenação verbal. Não demonstra, por si, a venalidade do acusado. Deve-se também preservar a ironia trágica: o Creonte que formula princípios cívicos será avaliado pela própria ação dramática.

Limite da leitura. A carreira teatral de Ésquines é pertinente, mas a descrição de Demóstenes é também interessada; não transformar o ataque em biografia neutra. A tradução Creonte-Ésquines torna explícita a aposição; não acrescenta uma palavra ao grego. O corpus deve distinguir a norma cívica citada da prova dos atos supostamente contrários a ela.

G8 Da pátria de Creonte à amizade com Filipe

Demóstenes, Sobre a falsa embaixada 19.248.

ἀλλ᾽ ἀντὶ μὲν τῆς πόλεως τὴν Φιλίππου ξενίαν καὶ φιλίαν πολλῷ μείζον᾽ ἡγήσαθ᾽ αὑτῷ καὶ λυσιτελεστέραν [...]

Tradução: Mas, em lugar da cidade, considerou para si a hospitalidade e a amizade de Filipe muito mais importantes e vantajosas [...]

Texto adotado: Tradição digital de Perseus, cujo catálogo identifica Butcher 1903; recorte conferido na reprodução Ancient Library e em Wikisource. Não houve colação do exemplar impresso.

Quadro G8. Formas gregas e consequências interpretativas. Análise do texto indicado.

Forma e lema	Morfologia	Função e consequência interpretativa
ἀντὶ τῆς πόλεως ἀντί; πόλις	preposição com genitivo singular feminino	marca substituição/preferência: em lugar da cidade
τὴν Φιλίππου ξενίαν καὶ φιλίαν ξενία; φιλία; Φίλιππος	acusativos singulares femininos; genitivo singular do nome próprio	objeto de ἡγήσατο; especifica o referente antes genérico da amizade
ἡγήσαθ᾽ ἡγέομαι	aoristo médio do indicativo, 3ª singular, por ἡγήσατο diante de aspiração	verbo de avaliação: considerou
μείζον᾽; λυσιτελεστέραν μέγας; λυσιτελής	comparativos, acusativo singular feminino; a primeira forma elide μείζονα	predicativos do objeto
πολλῷ πολύς	dativo singular neutro	dativo de medida da diferença: muito mais
αὑτῷ ἑαυτοῦ	pronome reflexivo, dativo singular masculino	interesse/benefício atribuído ao sujeito: para si

Sintaxe. A estrutura retoma a hierarquia entre cidade e amizade: ἀντί com genitivo, objeto em acusativo, verbo de avaliação e predicativos comparativos. A grande mudança é referencial: o amigo genérico do discurso de Creonte torna-se a relação específica com Filipe. Αὑτῷ acentua o benefício privado; πολλῷ aumenta a diferença. Não é apenas uma semelhança temática entre textos: a retomada reproduz uma operação comparativa e preenche suas posições com agentes políticos nomeados.

Funcionamento discursivo. O deslocamento pode ser desenhado por alinhamento: πάτρα/πόλις → Atenas; φίλος → ξενία καὶ φιλία de Filipe; a regra geral de Creonte → a acusação de preferência privada contra Ésquines. A linguagem do orador apresenta como realizada a inversão censurada pelo personagem. A mudança do enunciado normativo para a asserção sobre um caso particular depende da acusação; não é uma consequência logicamente demonstrada só pela citação.

Limite da leitura. Trecho inicia no interior de uma oração e termina antes da sequência adversativa: manter reticências. **Ξενία** é relação de hospitalidade e reciprocidade, não simplesmente xenofilia ou estrangeirismo.

H6 A regra das companhias retorna ao citador

Em *Contra Timarco* 1.152–153, Ésquines cita *Fénix* de Eurípides e aproxima o locutor do fragmento dos juízes presentes. A conduta e as companhias aparecem como critérios para avaliar a pessoa. Demóstenes 19.245–246 recorda esse uso e o reaplica a Ésquines, associando-o a Filócrates.

> Fragmento de Fénix, fr. 812 Nauck, vv. 7–9, conservado em Ésquines 1.152: "ὅστις δ᾽ ὁμιλῶν ἥδεται κακοῖς ἀνήρ, / οὐ πώποτ᾽ ἠρώτησα, γιγνώσκων ὅτι / τοιοῦτός ἐστιν οἷσπερ ἥδεται ξυνών." Tradução: "Quanto ao homem que se compraz em conviver com maus, nunca o interroguei, sabendo que ele é tal como aqueles com quem se compraz em estar."

O deslocamento é interoratorial: a regra validada por um adversário passa a ser aplicada a ele. A exigência de consistência não equivale à prova de corrupção. Como o drama é fragmentário, a comparação segura recai sobre os dois usos documentados; a reconstrução de toda a ação do *Fénix* permanece limitada.

G9 A máxima de companhia no Fénix perdido

Eurípides, Fénix, fr. 812 Nauck, vv. 7–9, conservado em Ésquines 1.152.

ὅστις δ᾽ ὁμιλῶν ἥδεται κακοῖς ἀνήρ,

οὐ πώποτ᾽ ἠρώτησα, γιγνώσκων ὅτι

τοιοῦτός ἐστιν οἷσπερ ἥδεται ξυνών.

Tradução: Quanto ao homem que se compraz em conviver com maus, nunca o interroguei, sabendo que ele é tal como aqueles com quem se compraz em estar.

Texto adotado: Nauck 1889, fr. 812, vv. 7–9, edição digital CTS/Perseids. A redação aqui citada difere em detalhes da impressa por Adams em Ésquines 1.152.

Quadro G9. Formas gregas e consequências interpretativas. Análise do texto indicado.

Forma e lema	Morfologia	Função e consequência interpretativa
ὅστις … ἀνήρ ὅστις; ἀνήρ	pronome relativo indefinido e substantivo, nominativo singular masculino	formulação geral retomada como tópico: qualquer homem que
ὁμιλῶν ὁμιλέω	particípio presente ativo, nominativo singular masculino	circunstância concomitante: convivendo
κακοῖς κακός	dativo plural masculino, substantivado	complemento de associação de ὁμιλῶν: com pessoas más
ἥδεται ἥδομαι	presente médio-passivo do indicativo, 3ª singular; sentido deponente	apresenta o prazer como disposição atual/habitual
ἠρώτησα ἐρωτάω	aoristo ativo do indicativo, 1ª singular	declaração retrospectiva do falante: nunca interroguei
γιγνώσκων γιγνώσκω	particípio presente ativo, nominativo singular masculino	circunstância causal/justificativa: porque julgo saber
τοιοῦτος … οἷσπερ τοιοῦτος; οἷος + περ	correlativos de qualidade; nominativo singular e dativo plural masculino	assemelha o sujeito às pessoas com quem convive
ξυνών σύνειμι, de εἰμί	particípio presente ativo, nominativo singular masculino	estar com; rege o dativo οἷσπερ, não é forma de ir junto

Sintaxe. Ὅστις abre uma generalização, mas o enunciado não é uma lei formulada sem voz: a primeira pessoa ἠρώτησα e o particípio γιγνώσκων constroem alguém que reivindica competência de julgar. A oração relativa inicial funciona como tópico, retomado na sequência; não se deve exigir que seu nominativo seja um objeto direto regular de ἠρώτησα. O par τοιοῦτος … οἷσπερ transporta a qualidade moral do grupo para a pessoa. Os presentes ὁμιλῶν, ἥδεται e ξυνών favorecem o quadro de convivência habitual. A inferência moral está embutida nessa correlação; a língua não prova que a inferência seja válida.

Funcionamento discursivo. Conservamos os versos porque Ésquines os cita. O Fênix integral se perdeu; a cena original não pode ser reconstruída em todos os seus detalhes. O próprio orador apresenta a passagem como defesa diante de uma acusação paterna. Essa apresentação deve ser atribuída a Ésquines, não adotada como acesso completo ao drama. A frase pode desacreditar testemunhos e valorizar o exame da conduta, mas também pode tornar o pertencimento a um círculo social um atalho acusatório. Essa ambivalência é essencial para uma leitura doutoral.

Limite da leitura. Grego fixado pela edição de Nauck de 1889, fr. 812. Há variantes na tradição de Ésquines e em edições modernas; Adams, por exemplo, imprime outra redação no segundo e terceiro versos. Não atribuir o texto de Nauck à edição de Adams. A leitura ἡμερεύεται, que ocorre nos versos anteriores, é uma emenda; não é necessário citá-la neste recorte. Não datar a estreia do Fênix com precisão sem evidência; dizer tragédia fragmentária do século V a.C. Fênix, Fénix e Fênice são convenções de tradução do título: manter a convenção editorial do curso.

G10 Ésquines explicita a transferência ao tribunal

Ésquines, Contra Timarco 1.153.

οὐκοῦν δίκαιον καὶ περὶ Τιμάρχου τοῖς αὐτοῖς ὑμᾶς Εὐριπίδῃ χρήσασθαι λογισμοῖς.

Tradução: Portanto, é justo que também a respeito de Timarco vós empregueis os mesmos raciocínios que Eurípides.

Texto adotado: Adams 1919, pp. 122–123; texto grego do PDF cotejado com transcrição digital para evitar erros de OCR.

Quadro G10. Formas gregas e consequências interpretativas. Análise do texto indicado.

Forma e lema	Morfologia	Função e consequência interpretativa
οὐκοῦν οὐκοῦν	partícula inferencial	apresenta a aplicação ao caso como conclusão esperada
δίκαιον δίκαιος	nominativo neutro singular; formalmente idêntico ao acusativo; ἐστί subentendido	avalia normativamente a aplicação: é justo
περὶ Τιμάρχου περί; Τίμαρχος	preposição com genitivo singular	fixa o novo objeto do julgamento
ὑμᾶς σύ	acusativo plural	sujeito do infinitivo χρήσασθαι: os jurados
χρήσασθαι χράομαι	aoristo médio do infinitivo	empregar; complemento da construção impessoal
τοῖς αὐτοῖς … λογισμοῖς αὐτός; λογισμός	dativo plural masculino	complemento de χρήσασθαι: usar os mesmos raciocínios
Εὐριπίδῃ Εὐριπίδης	dativo singular masculino	dativo de comparação com τοῖς αὐτοῖς: os mesmos que Eurípides

Sintaxe. A conclusão não está apenas implícita: οὐκοῦν declara a inferência; καί amplia sua aplicação; περὶ Τιμάρχου preenche o caso atual; ὑμᾶς designa os destinatários como executores do raciocínio. O dativo Εὐριπίδῃ não indica aqui o beneficiário da ação: com τοῖς αὐτοῖς, estabelece a comparação, os mesmos raciocínios que Eurípides. A forma impessoal δίκαιον transforma uma escolha argumentativa em exigência de justiça.

Funcionamento discursivo. No período anterior, Ésquines aproxima o julgador do fragmento dos jurados presentes e desenvolve uma analogia entre administração doméstica e administração pública. Em seguida nomeia Timarco. O poeta torna-se fiador de um procedimento judicial. Deve-se distinguir Eurípides como autor, a voz dramática conservada e Eurípides como autoridade reconstruída pelo orador. Em 346/345 a.C., o ataque a Timarco procura desqualificar sua atuação cívica por acusações sobre a vida sexual e a dissipação patrimonial. Esses juízos antigos são objeto de análise histórica, não categorias que a aula deva endossar.

Limite da leitura. Preferir a datação 346/345 a.C.; não apresentar o ano sem ressalva como uniformemente fixado. Não confundir o δίκαιον, avaliação normativa do procedimento, com a demonstração da procedência da acusação.

G11 Demóstenes volta a máxima contra o citante

Demóstenes, Sobre a falsa embaixada 19.245; identificação do Fénix em 19.246.

ὅστις δ᾽ ὁμιλῶν ἥδεται, καὶ ταῦτα πρεσβεύων, Φιλοκράτει, οὐ πώποτ᾽ ἠρώτησα, γιγνώσκων ὅτι ἀργύριον εἴληφ᾽ οὗτος, ὥσπερ Φιλοκράτης ὁ ὁμολογῶν.

Tradução: Quanto àquele que se compraz em conviver com Filócrates, e isso justamente quando exerce uma embaixada, nunca o interroguei, sabendo que esse recebeu dinheiro, tal como Filócrates, que o admite.

Texto adotado: Tradição digital de Perseus, cujo catálogo identifica Butcher 1903; recorte conferido na reprodução Ancient Library e em Wikisource. Não houve colação do exemplar impresso.

Quadro G11. Formas gregas e consequências interpretativas. Análise do texto indicado.

Forma e lema	Morfologia	Função e consequência interpretativa
Φιλοκράτει Φιλοκράτης	dativo singular masculino	substitui o grupo genérico κακοῖς por uma associação nomeada
καὶ ταῦτα καί; οὗτος	expressão adverbial intensificadora	e isso precisamente; introduz agravante circunstancial
πρεσβεύων πρεσβεύω	particípio presente ativo, nominativo singular masculino	circunstância concomitante: enquanto embaixador
ἀργύριον ἀργύριον	acusativo singular neutro	objeto direto de εἴληφεν
εἴληφ᾽ λαμβάνω	perfeito ativo do indicativo, 3ª singular; elisão de εἴληφε	apresenta recebimento como realizado e relevante no presente
οὗτος οὗτος	demonstrativo nominativo singular masculino	sujeito da acusação, orientado ao adversário
ὁ ὁμολογῶν ὁμολογέω	particípio presente ativo, nominativo singular masculino, substantivado	qualifica Filócrates como aquele que admite, segundo a apresentação do orador

Sintaxe. O início imita a moldura do verso, mas introduz um nome próprio no dativo, um particípio de situação diplomática e, no fecho, uma acusação de recebimento de dinheiro. O perfeito εἴληφεν dá à alegação o perfil de um fato consumado com relevância atual. Isso descreve o modo assertivo da acusação, não autentica o fato. Οὗτος aponta para o acusado e ὁ ὁμολογῶν representa a admissão atribuída ao associado. A passagem já não deve ser impressa como um fragmento contínuo de Eurípides: é uma reescrita polêmica de Demóstenes.

Funcionamento discursivo. Em 19.245 a retorsão transforma o critério usado por Ésquines contra Timarco em arma contra o próprio Ésquines. A substituição é visível: κακοῖς → Φιλοκράτει; τοιοῦτός ἐστιν → ἀργύριον εἴληφ᾽ οὗτος. O deslocamento mais forte consiste em passar de uma semelhança moral geral para um ato supostamente praticado. A cadeia companhia → caráter → recebimento de dinheiro deixa ver a lacuna probatória. O êxito retórico da retorsão depende de responsabilizar o adversário pelo critério que ele mesmo havia autorizado; não exige que o analista adote esse critério como válido.

Limite da leitura. A reescrita está em 19.245; 19.246 identifica a origem no Fênix. Não atribuir a Eurípides as palavras sobre Filócrates, embaixada ou dinheiro. Tratar a admissão e o suborno como elementos da apresentação acusatória; a citação não substitui a investigação do dossiê histórico.

H7 Guterres e a inversão declarada



Figura 1. António Guterres presta juramento para seu segundo mandato como secretário-geral da ONU, diante de Volkan Bozkir, presidente da Assembleia Geral, 18 de junho de 2021. Crédito: UN Photo / Eskinder Debebe. Reprodução para análise acadêmica e identificação documental.

Fonte antiga: *Édipo em Colono* 607–615. Édipo, cego e exilado, negocia acolhimento no território ateniense. A passagem descreve a mudança das relações ao longo do tempo. O verso 611 diz: "θνήσκει δὲ πίστις, βλαστάνει δ' ἀπιστία." Tradução: "A confiança morre e a desconfiança floresce."

No desenvolvimento até o verso 628, a fala de Édipo relaciona uma futura ruptura entre Tebas e Atenas à proteção que o lugar de seu cadáver poderá oferecer aos atenienses. Essa negociação situada distingue a cena antiga do compromisso multilateral contemporâneo.

Nova situação: 18 de junho de 2021, juramento para um segundo mandato como secretário-geral das Nações Unidas, na Assembleia Geral, Nova Iorque. O discurso é trilingue. A alusão analisada integra a parte em inglês. O registro da sessão permite conferir a transcrição e a realização oral.

Paráfrase identificada do contexto contemporâneo: Guterres apresenta desafios globais e relaciona a ação institucional à reconstrução da confiança. Nomeia Sófocles, retoma a oposição entre confiança e desconfiança e declara que essa ideia pode ser invertida. A formulação organiza uma passagem do diagnóstico para um compromisso coletivo.

Diagnóstico demonstrável: a modalidade muda. A instabilidade descrita na tragédia torna-se objeto de uma ação proposta. O propósito é explícito porque o orador anuncia a inversão. Isso não permite concluir que as políticas terão êxito nem que Sófocles antecipava a ONU.

Contraleitura: a proposta pode ser entendida como resposta à vulnerabilidade da confiança, sem negar a advertência trágica sobre a instabilidade. Compare tarefa e garantia. O programa promete empenho ou assegura resultado? Procure a resposta no conjunto da intervenção.

Orientação audiovisual: registro oficial da sessão de 18 de junho de 2021.

Quadro H5. Édipo em Colono e o compromisso anunciado por Guterres.

Campo	Resultado da comparação
Conservação	Confiança e desconfiança; imagens de morte e florescimento.
Mudança	Constatação temporal convertida em possibilidade de reversão.
Nova agência	O sujeito coletivo do discurso institucional.
Intencionalidade	Explícita no anúncio da inversão.
Limite	O discurso não comprova a eficácia do compromisso.

Registro oficial da ONU — sessão de 18 de junho de 2021 Assistir ao vídeo

Endereço direto: https://webtv.un.org/en/asset/k15/k15is97zm9

G12 A confiança morre: tempo, amizade e alianças em Édipo em Colono

Sófocles, Édipo em Colono 607–628, especialmente 611 e 625–626. Édipo fala a Teseu, filho de Egeu, e explica por que Atenas pode vir a beneficiar-se de sua presença e de seu futuro túmulo. Teseu perguntara como as relações com Tebas poderiam tornar-se hostis. A resposta põe a instabilidade das alianças sob a ação do tempo e termina com uma exigência de lealdade dirigida ao interlocutor. Não é uma fala de Creonte nem um verso de Antígona.

ὦ φίλτατ᾽ Αἰγέως παῖ, μόνοις οὐ γίγνεται
θεοῖσι γῆρας οὐδὲ κατθανεῖν ποτε.
τὰ δ᾽ ἄλλα συγχεῖ πάνθ᾽ ὁ παγκρατὴς χρόνος.
φθίνει μὲν ἰσχὺς γῆς, φθίνει δὲ σώματος,
θνήσκει δὲ πίστις, βλαστάνει δ᾽ ἀπιστία,
καὶ πνεῦμα ταὐτὸν οὔποτ᾽ οὔτ᾽ ἐν ἀνδράσιν
φίλοις βέβηκεν οὔτε πρὸς πόλιν πόλει.
τοῖς μὲν γὰρ ἤδη, τοῖς δ᾽ ἐν ὑστέρῳ χρόνῳ
τὰ τερπνὰ πικρὰ γίγνεται καὖθις φίλα.
καὶ ταῖσι Θήβαις εἰ τανῦν εὐημερεῖ
καλῶς τὰ πρὸς σέ, μυρίας ὁ μυρίος
χρόνος τεκνοῦται νύκτας ἡμέρας τ᾽ ἰών,
ἐν αἷς τὰ νῦν ξύμφωνα δεξιώματα
δόρει διασκεδῶσιν ἐκ σμικροῦ λόγου·
ἵν᾽ οὑμὸς εὕδων καὶ κεκρυμμένος νέκυς
ψυχρός ποτ᾽ αὐτῶν θερμὸν αἷμα πίεται,
εἰ Ζεὺς ἔτι Ζεὺς χὠ Διὸς Φοῖβος σαφής.
ἀλλ᾽ οὐ γὰρ αὐδᾶν ἡδὺ τἀκίνητ᾽ ἔπη,
ἔα μ᾽ ἐν οἷσιν ἠρξάμην, τὸ σὸν μόνον
πιστὸν φυλάσσων, κοὔποτ᾽ Οἰδίπουν ἐρεῖς
ἀχρεῖον οἰκητῆρα δέξασθαι τόπων
τῶν ἐνθάδ᾽, εἴπερ μὴ θεοὶ ψεύσουσί με.

Tradução: Ó caríssimo filho de Egeu, somente aos deuses não sobrevêm velhice nem morte. Todas as demais coisas, porém, o tempo, que tudo domina, desfaz. Declina a força da terra, declina a do corpo; morre a confiança, e brota a desconfiança. A mesma disposição nunca permanece firme, nem entre homens amigos, nem de uma cidade para outra. Para uns desde já, para outros mais tarde, o agradável se torna amargo e novamente amigável. E, se agora as relações de Tebas contigo vão bem, o tempo incontável, ao passar, gera incontáveis noites e dias, nos quais os atuais apertos de mão concordes serão desfeitos pela lança por causa de uma pequena questão. Então meu cadáver, adormecido e oculto, frio, beberá um dia o sangue quente

deles, se Zeus ainda é Zeus e Febo, filho de Zeus, é verdadeiro. Mas, como não é agradável proferir palavras que não se devem perturbar, deixa-me no ponto em que comecei, conservando apenas a tua lealdade: jamais dirás que acolheste Édipo como habitante inútil destes lugares, a menos que os deuses me enganem.

Texto adotado: Sófocles 1912, Édipo em Colono 607–628, texto grego editado por Francis Storr.

Quadro G12. Formas gregas e consequências interpretativas. Análise do texto indicado.

Forma e lema	Morfologia	Função e consequência interpretativa
μόνοις … θεοῖσι μόνος; θεός	Dativos masculinos plurais; θεοῖσι é forma poética.	Dativo de referência com γίγνεται. A exceção divina estabelece o âmbito da mutabilidade: as relações humanas são vulneráveis ao tempo.
ὁ παγκρατὴς χρόνος παγκρατής; χρόνος	Nominativos masculinos singulares; παγκρατής é adjetivo de duas terminações.	Sujeito de συγχεῖ. O agente que desfaz é o tempo dotado de poder total, não um grupo humano determinado.
συγχεῖ συγχέω	Presente indicativo ativo, terceira singular.	Predicado transitivo, objeto τὰ ἄλλα … πάντα. A generalização apresenta o tempo como força de mistura, dissolução ou desordenação.
θνῄσκει θνῄσκω	Presente indicativo ativo, terceira singular.	Verbo de πίστις. É um presente de alcance generalizante, não uma ordem nem um futuro inevitável dirigido ao público moderno.
πίστις πίστις	Nominativo feminino singular, terceira declinação.	Sujeito de θνῄσκει. O contexto de amigos e cidades favorece confiança/lealdade. A acepção cristã de fé ou a acepção retórica de prova não devem ser importadas sem argumento.
βλαστάνει βλαστάνω	Presente indicativo ativo, terceira singular.	Verbo de ἀπιστία. A metáfora vegetal — brotar — faz surgir um processo, em contraposição à morte da confiança.
ἀπιστία ἀπιστία	Nominativo feminino singular.	Sujeito de βλαστάνει. O alfa privativo não transforma as duas palavras em equivalências perfeitas de termos modernos: o contexto especifica a modalidade de falta de confiança ou fidelidade.
πνεῦμα ταὐτόν πνεῦμα; ὁ αὐτός	Nominativo neutro singular; ταὐτόν é crase.	Sujeito de βέβηκεν. A imagem da disposição ou sopro comum retoma a variabilidade das relações; não é referência necessária a um espírito metafísico.
βέβηκεν βαίνω	Perfeito indicativo ativo, terceira singular.	Predicado negado por οὔποτε, com valor de estado estabelecido. A negação atinge a permanência de uma disposição estável. Traduzir apenas “foi” enfraquece o estado resultante.

Forma e lema	Morfologia	Função e consequência interpretativa
πρὸς πόλιν πόλει πρός; πόλις	Acusativo e dativo femininos singulares de πόλις.	Expressa uma relação recíproca entre comunidades: de uma cidade para com outra. O verso explicita uma escala política além da amizade individual, o que fornece ponto real de contato com a recepção diplomática.
πίεται πίνω	Futuro do indicativo médio, terceira singular, de sentido ativo.	Predicado de νέκυς, "cadáver"; objeto αἷμα. O horizonte concreto é também uma ameaça de conflito e vingança heroica; a citação moderna pode omitir esse entorno bélico.
τὸ σὸν … πιστόν σός; πιστός	Artigo e adjetivos no acusativo neutro singular; πιστόν substantivado.	Objeto de φυλάσσων: "a tua lealdade/fidelidade". A mesma família lexical de πίστις reaparece como exigência positiva. O texto não consiste numa celebração unilateral da desconfiança.
φυλάσσων φυλάσσω	Particípio presente ativo, nominativo masculino singular.	Circunstância referida ao interlocutor Teseu, sujeito do imperativo ἔα. A ação esperada é guardar a lealdade; essa indicação complica uma oposição simples entre pessimismo antigo e otimismo moderno.

Sintaxe. No 611, duas orações com verbos no presente articulam uma antítese: θνῄσκει/βλαστάνει e πίστις/ἀπιστία. O δέ prossegue e contrapõe elementos; não é necessário traduzir toda ocorrência por "mas". O verso deve ser lido depois da exceção dos deuses 607–608 e antes das relações entre amigos e cidades 612–613. Esse enquadramento torna as acepções relacionais de πίστις mais plausíveis que "fé religiosa". O segmento 625–626 traz uma instrução ao interlocutor: ἔα, "deixa", acompanhada por φυλάσσων, "conservando". Seu objeto τὸ σὸν πιστόν retoma positivamente a qualidade cuja fragilidade foi enunciada.

Funcionamento discursivo. Édipo justifica a relevância futura de seu acolhimento e de seu túmulo, mobilizando uma previsão de mudança das alianças. A máxima tem uma função persuasiva dentro dessa negociação de hospitalidade e proteção. O verso 611 condensa uma tese que pode circular sozinha. Ao ser destacado, perde as figuras do túmulo, do cadáver e da hostilidade militar, adquirindo maior aparência de diagnóstico geral da experiência humana. A oposição morte/brotamento produz força memorável. O reconhecimento da metáfora é uma observação textual; afirmar que o autor pretendeu antecipar a crise do multilateralismo seria anacrônico.

Deslocamento na retomada. No discurso de juramento de António Guterres para seu segundo mandato como secretário-geral, perante a Assembleia Geral da ONU em 18 de junho de 2021, o verso é retomado como diagnóstico de uma crise de confiança e em seguida inscrito em um programa de reversão desse diagnóstico. O novo referente abrange Estados, instituições e sociedades numa escala global. O deslocamento não deve ser desenhado simplesmente como "Sófocles nega confiança → Guterres cria confiança". A própria cena antiga exige que Teseu preserve sua lealdade 625–626. O contraste mais preciso é entre uma argumentação sobre alianças vulneráveis e proteção heroica local, de um lado, e um apelo institucional à cooperação multilateral, de outro. A análise do grego permite avaliar escolhas de tradução: "trust" seleciona a dimensão da confiança; "faithfulness" selecionaria a disposição de cumprir compromissos. Nenhuma

palavra moderna esgota automaticamente πίστις; a adequação depende do contexto da frase e do ato de reemprego.

Limite da leitura. Identificar a obra corretamente: Édipo em Colono 611. Não traduzir o presente θνήσκει por uma necessidade fatal: a inevitabilidade universal é uma inferência mais forte do que a flexão verbal sozinha autoriza. Não excluir 625–626 quando se contrasta o trecho com um apelo contemporâneo à confiança. A imagem bélica de 621–623 limita uma apresentação do texto antigo como manifesto pacifista.

H8 Contarato e o respeito aos mortos



Figura 2. Fabiano Contarato em pronunciamento remoto à Comissão Temporária Externa sobre a criminalidade na Região Norte, Senado Federal, 16 de agosto de 2022. Fotograma do trecho oficial, 00:45. Crédito: TV Senado / Senado Federal. Reprodução para análise acadêmica, com crédito à emissora.

Contexto: a 5ª reunião da Comissão Temporária Externa para investigar as causas do aumento da criminalidade e de atentados na região Norte, a CTENORTE, ocorreu em 16 de agosto de 2022 e apreciou seu relatório final. O assassinato do indigenista Bruno Araújo Pereira e do jornalista Dom Phillips, em junho, no Vale do Javari, integra o objeto dos trabalhos.

Fabiano Contarato invoca a *Antígona* ao defender um voto de repúdio a declarações de autoridades. O excerto "o direito de velar os mortos é sagrado" é uma síntese interpretativa proferida pelo senador. Não corresponde, como frase portuguesa, a uma tradução literal identificada de um verso único de Sófocles.

Paráfrase identificada: a alusão amplia a justificação de um dever de respeito aos mortos e às famílias. A nova aplicação visa uma censura institucional a declarações públicas. A comparação com a proibição funerária de Creonte ilumina o tema, mas os objetos das decisões não são idênticos.

Distinção decisiva: valor, regra e procedimento. O respeito aos mortos é o valor invocado. O limite das declarações públicas é a regra de conduta que a intervenção procura sustentar. O voto de repúdio é o procedimento solicitado. Concordar com o primeiro não determina automaticamente concordar com a formulação do terceiro.

Contraleitura e recepção: a ata registra divergência de Nelsinho Trad sobre o encaminhamento. Analise essa resposta sem presumir unanimidade. Tampouco afirme que o Senado impedia o sepultamento. O método distingue intenção declarada, adesão observável e resultado institucional.

Orientação audiovisual: o arquivo oficial do pronunciamento tem aproximadamente 13 minutos e 23 segundos. O horário 12h04 nas notas taquigráficas é horário da reunião.

Quadro H6. Objetos e normas na comparação com Contarato.

Plano	Texto trágico	Intervenção no Senado
Conflito	Sepultamento de Polinices e decreto de Creonte.	Declarações de autoridades sobre pessoas assassinadas.
Normatividade	Obrigações familiares e religiosas opostas ao decreto.	Dever público de respeito e censura institucional.
Retomada	Antígona fala e age contra a proibição.	O senador condensa a peça numa formulação sobre sacralidade.
Limite	A peça conserva vozes em conflito.	A reunião conserva dissenso sobre o encaminhamento.

Senado Federal — pronunciamento de Fabiano Contarato em 16 de agosto de 2022 Assistir ao vídeo

Endereço direto: https://www12.senado.leg.br/portalcedoc/pcedoc/2022/20220816/20220816134201_1541056.MP4

Leitura grega da condensação moderna. Na ficha de Antígona 450–457, compare κηρύγματα, proclamações atribuídas a Creonte, e νόμιμα, normas qualificadas como divinas, não escritas e inabaláveis. O neutro plural ταῦτα é sujeito de ζῇ, singular regular nessa construção. O argumento sobre a duração das normas não equivale, palavra por palavra, à formulação jurídica e moral do senador. Identifique o valor que a retomada conserva e o procedimento institucional a que o aplica.

H9 Oficina e resposta comentada

Em grupo, escolha um caso. Registre duas evidências textuais e formule uma tese de até 80 palavras que contenha contexto, operação, finalidade e limite. Em seguida, redija uma contraleitura. Prepare uma exposição oral de 60 segundos. Haverá sete minutos de trabalho e discussão orientada.

Modelo de resposta sobre Guterres: o citador retoma a morte da confiança e o florescimento da desconfiança como diagnóstico que declara poder inverter. A passagem da constatação à possibilidade de agir sustenta um compromisso institucional. A finalidade de reversão é explícita. A eficácia da política continua fora do que o excerto demonstra.

Modelo de contraleitura: a proposta pode conservar a advertência de Sófocles como reconhecimento da fragilidade da confiança. Inverter o diagnóstico como tarefa não equivale a afirmar que a fragilidade será eliminada. O argumento deve ser testado contra a formulação completa do discurso.

Critérios de qualidade: localizar a evidência; separar personagem e autor; distinguir citação e paráfrase; preservar diferença histórica; classificar a intenção; indicar uma conclusão que exigiria mais documentos. Não atribua pontuação de fidelidade a uma fonte sem justificar a escala e o objeto medido.

Quadro H7. Ficha de análise para a oficina.

Campo para preencher	Resposta do grupo
Fonte e localização	
Nova cena e data	
Palavra ou relação conservada	
Referente, modalidade ou função alterados	
Finalidade explícita ou inferida	
Contraleitura	
Limite da conclusão	

H10 Aprofundamentos opcionais

Robert F. Kennedy, Indianapolis, 4 de abril de 1968. A intervenção ocorre após o assassinato de Martin Luther King Jr. e transforma o comício esperado em fala de luto e exortação à convivência. O vínculo com Ésquilo depende da tradução de Edith Hamilton e da memória de recitação. Compare *Agamêmnon* 176–183 com a função da passagem no discurso. Não afirme que a fala, sozinha, impediu violência na cidade.

Boris Johnson, Assembleia Geral da ONU, 22 de setembro de 2021. O discurso evoca *Antígona* 332–375 e utiliza a ambivalência de *deinós* para orientar a discussão sobre capacidade técnica humana e crise climática. A própria ode exige atenção aos limites éticos da técnica. O exemplo é útil para testar uma seleção otimista que a leitura da passagem inteira permite discutir.

G13 Aprender pelo sofrimento sintaxe e violência da graça

Ésquilo, Agamêmnon 176–183; foco 176–178 e 179–183.

τὸν φρονεῖν βροτοὺς ὁδώσαντα,

τὸν πάθει μάθος θέντα κυρίως ἔχειν.

στάζει δ᾽ ἔν θ᾽ ὕπνῳ πρὸ καρδίας

μνησιπήμων πόνος· καὶ παρ᾽ ἄκοντας ἦλθε σωφρονεῖν.

δαιμόνων δέ που χάρις βίαιος

σέλμα σεμνὸν ἡμένων.

Tradução: [Zeus,] aquele que encaminhou os mortais ao discernimento, que estabeleceu vigorar soberanamente o aprender pelo sofrimento. Mesmo no sono goteja diante do coração a dor que recorda o sofrimento; e, contra a vontade, veio o compreender. É, de algum modo, uma graça violenta dos deuses assentados no augusto trono.

Texto adotado: Smyth 1926, vol. 2, Agamêmnon 176–183, transcrição Alpheios; τὸν em 177. West 1990 imprime τῷ. As quebras de verso foram reunidas para leitura.

Quadro G13. Formas gregas e consequências interpretativas. Análise do texto indicado.

Forma e lema	Morfologia	Função e consequência interpretativa
τὸν … ὁδώσαντα ὁδόω	artigo e particípio aoristo ativo, acusativo singular masculino	retoma Ζῆνα do contexto; aquele que pôs no caminho
βροτούς βροτός	acusativo plural masculino, substantivado	objeto de ὁδώσαντα: os mortais
φρονεῖν φρονέω	presente ativo do infinitivo	complemento que indica o discernimento ao qual são conduzidos
πάθει πάθος	dativo singular neutro	dativo instrumental: por meio do sofrimento
μάθος μάθος	acusativo singular neutro na análise adotada; formalmente igual ao nominativo	sujeito do infinitivo ἔχειν na construção dependente de θέντα
θέντα τίθημι	particípio aoristo ativo, acusativo singular masculino	coordenado/aposto a ὁδώσαντα na leitura τὸν: aquele que estabeleceu
μνησιπήμων μνησιπήμων	adjetivo de duas terminações, nominativo singular masculino	qualifica πόνος: dor que faz lembrar o sofrimento
παρ᾽ ἄκοντας παρά; ἄκων	preposição com acusativo plural masculino	oposição à vontade dos atingidos: contra sua vontade

Forma e lema	Morfologia	Função e consequência interpretativa
σωφρονεῖν σωφρονέω	presente ativo do infinitivo	infinitivo substantivado sem artigo, sujeito de ἦλθε: veio o compreender
χάρις βίαιος χάρις; βίαιος	nominativos singulares femininos; βίαιος tem aqui flexão de duas terminações	justapõe graça/favor e violência/coerção

Sintaxe. Os particípios acusativos retomam Zeus, nomeado no hino do coro. A máxima πάθει μάθος não é um imperativo dirigido à vítima; na construção escolhida, integra o que Zeus estabeleceu. O dativo πάθει relaciona aprender e sofrer por um meio, mas não fornece uma teoria universal segundo a qual toda vítima necessariamente se aperfeiçoa. Παρ᾽ ἄκοντας explicita a ausência de consentimento. Βίαιος concorda com χάρις apesar da terminação -ος: a morfologia impede tratar violento como predicado de um suposto sujeito masculino. A tensão está precisamente em uma graça coerciva.

Funcionamento discursivo. Em 458 a.C., na Oresteia, o coro relaciona Zeus, discernimento e sofrimento dentro de uma história de violência, expedição militar e sacrifício. Na retomada de Robert F. Kennedy em Indianápolis, em 4 de abril de 1968, após o assassinato de Martin Luther King Jr., a tradução inglesa citada serve a uma intervenção de luto e contenção da violência. É necessário comparar a tradução efetivamente dita com o grego: a palavra desespero, presente na conhecida formulação inglesa citada por Kennedy, não corresponde a um substantivo grego expresso nestes versos; representa mediação tradutória. Os deuses do hino podem ceder lugar, na recepção, a uma sabedoria providencial mais ampla. A fórmula χάρις βίαιος conserva uma aspereza que uma paráfrase apenas consoladora tende a atenuar.

Limite da leitura. A leitura τὸν em 177, aqui adotada na transcrição Alpheios/Smyth, é uma opção editorial; há edições que imprimem τῷ πάθει μάθος. Não mesclar as duas construções. A análise de μάθος como sujeito acusativo de ἔχειν é uma análise da construção adotada, não solução unânime da tradição interpretativa. As quebras apresentadas foram reunidas para leitura: a numeração canônica 176–183 inclui palavras repartidas entre versos, como ὁδώ-/σαντα e ἄ-/κοντας. O recorte inglês de Kennedy deve ser transcrito da gravação ou do arquivo oficial. Não retroverter cada palavra inglesa como se constasse do grego.

G14 O humano, a técnica e o risco: a ode de Antígona no suplemento sobre Johnson

Sófocles, Antígona 332–375; foco em 332–333 e 365–371. O coro canta depois da notícia de que alguém realizou ritos funerários sobre o corpo proibido. A ode enumera capacidades humanas de navegação, agricultura, caça, linguagem e organização cívica, mas também estabelece limites: a morte, a possibilidade do mal e a relação com as normas da cidade e a justiça divina. A celebração da inventividade é, portanto, atravessada pela ambivalência.

πολλὰ τὰ δεινὰ κοὐδὲν ἀνθρώπου δεινότερον πέλει.
τοῦτο καὶ πολιοῦ πέραν πόντου χειμερίῳ νότῳ
χωρεῖ, περιβρυχίοισιν
περῶν ὑπ᾽ οἴδμασιν.
θεῶν τε τὰν ὑπερτάταν, Γᾶν
ἄφθιτον, ἀκαμάταν, ἀποτρύεται
ἰλλομένων ἀρότρων ἔτος εἰς ἔτος
ἱππείῳ γένει πολεύων.
κουφονόων τε φῦλον ὀρνίθων ἀμφιβαλὼν ἄγει
καὶ θηρῶν ἀγρίων ἔθνη πόντου τ᾽ εἰναλίαν φύσιν
σπείραισι δικτυοκλώστοις,
περιφραδὴς ἀνήρ·
κρατεῖ δὲ μηχαναῖς ἀγραύλου
θηρὸς ὀρεσσιβάτα, λασιαύχενά θ᾽
ἵππον ὀχμάζεται ἀμφὶ λόφον ζυγῶν
οὔρειόν τ᾽ ἀκμῆτα ταῦρον.
καὶ φθέγμα καὶ ἀνεμόεν φρόνημα καὶ ἀστυνόμους
ὀργὰς ἐδιδάξατο καὶ δυσαύλων
πάγων ὑπαίθρεια καὶ δύσομβρα φεύγειν βέλη
παντοπόρος· ἄπορος ἐπ᾽ οὐδὲν ἔρχεται
τὸ μέλλον· Ἅιδα μόνον φεῦξιν οὐκ ἐπάξεται·
νόσων δ᾽ ἀμηχάνων φυγὰς ξυμπέφρασται.
σοφόν τι τὸ μηχανόεν τέχνας ὑπὲρ ἐλπίδ᾽ ἔχων
τοτὲ μὲν κακόν, ἄλλοτ᾽ ἐπ᾽ ἐσθλὸν ἕρπει,
νόμους γεραίρων χθονὸς θεῶν τ᾽ ἔνορκον δίκαν,
ὑψίπολις· ἄπολις ὅτῳ τὸ μὴ καλὸν
ξύνεστι τόλμας χάριν. μήτ᾽ ἐμοὶ παρέστιος
γένοιτο μήτ᾽ ἴσον φρονῶν ὃς τάδ᾽ ἔρδει.

Tradução: Muitas são as coisas que causam assombro, e nada há de mais assombroso do que o ser humano. Ele atravessa o mar cinzento sob o vento tempestuoso do sul, avançando por entre ondas que rugem ao redor. E à mais elevada dos deuses, a Terra, imperecível e incansável, ele desgasta, revolvendo-a ano após ano com arados movidos pela espécie dos cavalos. Envolve e captura a espécie das aves de pensamento ligeiro, as raças das feras e a vida marinha do oceano, nas malhas entrelaçadas de suas redes, o homem cheio de recursos. Com seus engenhos domina a fera que habita os campos e percorre os montes; subjuga, pondo-lhe o jugo ao redor da cerviz, o cavalo de crina espessa e o touro montês incansável. Ensinou a si mesmo a fala, o pensamento veloz como o vento e as disposições que ordenam cidades; aprendeu a fugir à exposição das geadas inóspitas e às investidas da chuva. Rico em recursos, não caminha sem recursos para nada do que há de vir; somente do Hades não obterá fuga. Para doenças difíceis de enfrentar encontrou meios de escapar. Possuindo, além do que se esperaria, a inventividade da técnica, algo engenhoso, avança ora para o mal, ora para o bem. Honrando as leis da terra e a justiça dos deuses vinculada ao juramento, ocupa posição elevada na cidade; sem cidade fica aquele com quem convive o que não é nobre, por causa de sua audácia. Que não partilhe de meu lar nem de meu pensamento aquele que pratica tais atos.

Texto adotado: Texto grego de Storr 1912, que lê γεραίρων. A colometria do arquivo digital reúne versos líricos; os números das unidades digitais não devem ser tomados como equivalentes exatos de cada verso métrico. Referenciar os conjuntos canônicos 332–333 e 365–371.

Quadro G14. Formas gregas e consequências interpretativas. Análise do texto indicado.

Forma e lema	Morfologia	Função e consequência interpretativa
πολλὰ τὰ δεινά πολύς; δεινός	Nominativos neutros plurais; τὰ δεινά é adjetivo substantivado.	Oração nominal: “muitas [são] as coisas assombrosas”. δεινός reúne possibilidades de temor, extraordinário poder e habilidade; traduzir exige a ode inteira, não uma preferência estética isolada.
κοὐδέν καί; οὐδείς	Crase; pronome negativo nominativo neutro singular.	Sujeito de πέλει. A negação permite a formulação superlativa indireta: nada ultrapassa o humano nesse caráter extraordinário.
ἀνθρώπου ἄνθρωπος	Genitivo masculino singular.	Genitivo de comparação com δεινότερον. O homem é termo da comparação, não possuidor de um objeto “mais terrível”.
δεινότερον δεινός	Comparativo, nominativo neutro singular.	Predicativo de οὐδέν. A comparação não decide, sozinha, se a avaliação é elogiosa ou aterradora.
πέλει πέλω	Presente indicativo ativo, terceira singular.	Verbo de existência/estado. O registro poético não muda a estrutura lógica da comparação.
τὸ μηχανόεν μηχανόεις	Adjetivo substantivado, acusativo neutro singular.	Objeto de ἔχων; qualificado por σοφόν τι e relacionado ao genitivo τέχνας. Designa a capacidade inventiva ou engenhosa. Não equivale automaticamente à tecnologia industrial ou digital moderna.

Forma e lema	Morfologia	Função e consequência interpretativa
τέχνας τέχνη	Genitivo feminino singular dórico, correspondente ao ático τέχνης.	Dependência de τὸ μηχανόεν: "a capacidade inventiva da técnica/arte". É uma demonstração particularmente clara da utilidade da língua: tomar -ας por acusativo plural produziria uma estrutura diferente e inadequada ao canto coral.
ἔχων ἔχω	Particípio presente ativo, nominativo masculino singular.	Circunstância do sujeito humano subentendido de ἕρπει. A posse da inventividade acompanha a possibilidade de direções morais distintas; não garante progresso ético.
τοτὲ μὲν … ἄλλοτε τοτέ; μέν; ἄλλοτε	Advérbios temporais e partícula de distribuição.	Alternam as direções de ἕρπει. A sequência é "ora … ora", não "primeiro o mal, depois finalmente o bem".
κακόν / ἐπ' ἐσθλόν κακός; ἐπί; ἐσθλός	Acusativos neutros singulares, substantivados.	Direções opostas do movimento de ἕρπει; o segundo termo explicita ἐπί. A capacidade técnica é moralmente ambivalente. O léxico impede um elogio integralmente incondicional da técnica.
γεραίρων γεραίρω	Particípio presente ativo, nominativo masculino singular.	Qualifica o humano e rege νόμους e δίκαν na leitura Storr. A elevação cívica está ligada a honrar leis e justiça. É necessário declarar a leitura: outras edições trazem παρείρων, "entrelaçando/integrando".
δίκαν δίκη	Acusativo feminino singular dórico, correspondente ao ático δίκην.	Objeto de γεραίρων; modificado por ἔνορκον. A forma dórica confirma o registro coral; não é um substantivo diferente de δίκη.
ὑψίπολις / ἄπολις ὑψίπολις; ἄπολις	Adjetivos nominativos masculinos singulares.	Predicações opostas acerca do humano. Contrapõem elevação na comunidade e exclusão/ausência de cidade. Não são simplesmente descrição de uma cidade alta e de outra baixa.
ὅτῳ … ξύνεστι ὅστις; σύνειμι	Pronome relativo dativo masculino singular; presente indicativo terceira singular.	Dativo associado a "conviver/estar com"; sujeito τὸ μὴ καλόν. O mal é formulado como aquilo que acompanha o agente, ligando comportamento e estatuto cívico.
τόλμας χάριν τόλμα; χάριν	Genitivo feminino singular + acusativo usado como posposição.	Expressão de causa: "por causa da audácia". A perda de inserção cívica é motivada; não decorre automaticamente de possuir habilidade técnica.

Sintaxe. A primeira frase emprega um genitivo de comparação: ἀνθρώπου. O adjetivo δεινός pode ser traduzido por "assombroso", "terrível", "formidável" ou "extraordinário" conforme a dimensão destacada; a escolha não deve apagar a alternância entre bem e mal expressa ao final. Em 365–367, ἔχων se liga ao humano que avança, ἕρπει. O genitivo dórico τέχνας depende do grupo τὸ μηχανόεν, enquanto σοφόν τι lhe atribui a qualidade engenhosa. Não analisar τέχνας como plural só pela aparência gráfica. Na leitura γεραίρων, o particípio apresenta a observância que acompanha a elevação cívica. Na tradição que conserva παρείρων, a

imagem muda para a integração ou entrelaçamento de leis e justiça com a capacidade humana. Ambas exigem discussão contextual; não são sinônimos gramaticais a intercambiar silenciosamente. O contraste ὑψίπολις/ἄπολις deve ser lido com a oração relativa seguinte. O estatuto cívico não é um atributo técnico automático, mas depende da conduta.

Funcionamento discursivo. O coro é uma voz situada na tragédia. A ode produz uma antropologia do poder e da vulnerabilidade humana sem suprimir os riscos que o enredo dramatiza. A palavra δεινός conserva uma tensão produtiva entre admiração e temor. Contudo, não se deve multiplicar todos os sentidos de dicionário em cada ocorrência como se estivessem igualmente ativados. A progressão da ode fornece o controle. A enumeração de conquistas prepara uma correção: a inventividade pode conduzir a direções opostas. Um recorte que termine no 333 ou nas conquistas técnicas deixa de exibir esse mecanismo de restrição.

Deslocamento na retomada. No suplemento sobre Boris Johnson, a apropriação da ode como recurso para falar de engenho humano e ação climática pode ser lida como seleção de uma potência transformadora. O exame deve comparar o trecho efetivamente mobilizado no discurso com a ambivalência textual do original. Se o discurso explora δεινός como "terrível" e "maravilhoso", há fundamento lexical para a duplicidade; o ponto crítico é o uso argumentativo que ele faz dela. A ode não garante que a técnica resolverá o problema moderno apresentado. Um esquema adequado liga: comparação 332–333 → catálogo de capacidades → limite da morte → alternância mal/bem 365–367 → condição cívica 368–371. Sobrepor a esse percurso o recorte contemporâneo torna visível o que é selecionado, o que é silenciado e o que é acrescentado.

Limite da leitura. Conservar a atribuição ao coro; não transformar a ode em depoimento autobiográfico de Sófocles. A colometria do arquivo Storr reúne versos líricos; usar os intervalos canônicos em vez de renumerar cada linha visual como se fosse um verso. Texto adotado: γεραίρων. Variante relevante: παρείρων. A análise morfológica e a tradução devem acompanhar a escolha. A referência a τέχνη abrange saber fazer e habilidade; "tecnologia" é uma atualização que precisa ser explicada.

A materialidade das fontes



Figura 3. Teatro de Dioniso, encosta sul da Acrópole de Atenas. Fotografia de George E. Koronaios, 30 de maio de 2021. Os vestígios visíveis resultam de várias fases construtivas e não reproduzem integralmente o teatro do século V a.C. Wikimedia Commons. Licença CC BY-SA 2.0.

Questão de observação. Como a copresença de espectadores e a sucessão das falas no teatro afetam a leitura de uma máxima que depois circulará isolada?

Bibliografia comentada

Aristóteles. 1959. *Ars rhetorica*. Editado por W. D. Ross. Oxford: Clarendon Press.

Fonte para abordar o caráter como meio de persuasão. Ler *Retórica* 1.2, 1356a4–5, distinguindo credibilidade discursiva e biografia moral. A localização Bekker evita dependência da paginação da tradução.

Aristóteles. 1966. *De arte poetica liber*. Editado por Rudolf Kassel. Edição corrigida da edição de 1965. Oxford: Clarendon Press. Reimpressão de 1968.

O excerto grego desta revisão foi conferido na reprodução institucional da Universidade de Freiburg da edição corrigida de Kassel; a leitura adotada é πράξεων, genitivo plural.

Base para a prioridade da composição dos acontecimentos. A leitura de *Poética* 6, 1450a15–17, orienta o cuidado de não confundir uma fala de personagem com o sentido total da tragédia.

Demóstenes. 1903. *Demosthenis orationes*. Vol. 1. Editado por S. H. Butcher. Oxford: Clarendon Press.

Texto grego de *Sobre a falsa embaixada*. O núcleo documental é 19.245–250. Confrontar citação, comentário e imputação factual; o discurso conserva a posição de uma parte no processo.

Ésquines. 1919. *The Speeches of Aeschines*. Tradução de Charles Darwin Adams. Londres: William Heinemann; Nova York: G. P. Putnam's Sons.

Edição bilíngue útil para *Contra Timarco* 1.152–153 e a comparação com Demóstenes 19.245. O texto permite examinar como uma citação anterior se torna objeto de retorsão.

Ésquilo. 1926. *Aeschylus*. Vol. 2. Tradução de Herbert Weir Smyth. Londres: William Heinemann; Nova York: G. P. Putnam's Sons.

Aprofundamento para *Agamêmnon* 176–183 e o caso Kennedy. Distinguir o texto grego, a tradução inglesa que Kennedy conheceu e a tradução portuguesa do discurso contemporâneo.

Sófocles. 1912. *Sophocles*. Vol. 1, *Oedipus the King, Oedipus at Colonus, Antigone*. Tradução de Francis Storr. London: William Heinemann; New York: The Macmillan Company.

Edição bilíngue de acesso público para a leitura contextual de *Antígona* 175–190, 450–457 e 734–739 e de *Édipo em Colono* 607–615. A numeração dos versos é a referência principal.

Guterres, António. 2021. "Secretary-General's Oath of Office." Discurso perante a Assembleia Geral das Nações Unidas, Nova Iorque, 18 de junho. Transcrição institucional trilingue e registro audiovisual da ONU.

Fonte primária para a retomada de *Édipo em Colono* 611. O discurso declara a intenção de inverter o diagnóstico citado.

Senado Federal. 2022. *Notas taquigráficas da 5ª reunião da Comissão Temporária Externa para investigar in loco as causas do aumento da criminalidade e de atentados na região Norte*. Brasília, 16 de agosto. Intervenção de Fabiano Contarato.

Fonte primária brasileira. A reunião aprecia o relatório final da CTENORTE. A referência à *Antígona* integra a defesa de um voto de repúdio. Ler a intervenção e as respostas para preservar o dissenso.

Kennedy, Robert F. 1968. “Statement on the Death of Reverend Martin Luther King, Rally in Indianapolis, Indiana.” 4 de abril. Registro preservado pela John F. Kennedy Presidential Library; transcrição crítica em *Voices of Democracy*.

Aprofundamento. A referência a Ésquilo integra uma intervenção de luto público. A atribuição de efeitos políticos precisa de fontes além do próprio discurso.

Johnson, Boris. 2021. “PM Speech at the UN General Assembly: 22 September 2021.” Nova Iorque, 22 de setembro; transcrição publicada em 23 de setembro pelo Prime Minister’s Office.

Aprofundamento. O uso de *deinós* permite comparar uma ambivalência trágica e um programa de ação climática. O portal oficial assinala a Open Government Licence; o material reproduz apenas um núcleo breve e comenta o contexto.

Ricœur, Paul. 1984. *Time and Narrative*. Vol. 1. Tradução de Kathleen McLaughlin e David Pellauer. Chicago: University of Chicago Press.

Leitura metodológica central: capítulo 3, “Time and Narrative: Threefold *Mimesis*”, 52–87. A prefiguração, a configuração e a refiguração ajudam a acompanhar a relação entre mundo da ação, composição e leitura.

Maingueneau, Dominique. 2002. “Problèmes d’*ethos*.” *Pratiques* 113–114: 55–67.

Artigo de base para distinguir a imagem produzida pela enunciação da moralidade integral do locutor. Adequado à análise de como cultura clássica, prudência ou solidariedade participam da construção de credibilidade.

Maingueneau, Dominique. 2006. “Les énoncés détachés dans la presse écrite. De la surassertion à l’aphorisation.” *Travaux neuchâtelois de linguistique* 44: 107–120.

Oferece distinções úteis entre destacamento, sobreasseveração e aforização. Aplicar os conceitos com cautela à oratória antiga: o artigo investiga a imprensa e não substitui a contextualização histórica do corpus.

Maingueneau, Dominique. 2012. *Les phrases sans texte*. Paris: Armand Colin.

Desenvolve o estudo das frases destacadas e de sua circulação como enunciados autorizados. Recomendado para compreender por que uma formulação parece falar acima das condições particulares que a produziram.

Maingueneau, Dominique. 2021. *Analyser les textes de communication*. 4ª ed. Malakoff: Armand Colin.

Manual para aprofundamento, especialmente os capítulos 7, sobre cena de enunciação, 8, sobre *ethos*, e 18, sobre enunciados destacados. A organização por capítulos facilita a leitura dirigida dos conceitos.

Hall, Edith. 2010. *Greek Tragedy: Suffering under the Sun*. Oxford: Oxford University Press.

Introdução de conjunto à tragédia grega, útil para articular ação, sofrimento, personagens e condições históricas. Deve apoiar o enquadramento, sem substituir a leitura particular de cada peça.

Hanink, Johanna. 2014. *Lycurgan Athens and the Making of Classical Tragedy*. Cambridge: Cambridge University Press.

Situa a autoridade cultural da tragédia na Atenas do século IV a.C. Ajuda a compreender que a circulação de textos trágicos envolve instituições, performances e políticas da memória, além de interpretação literária.

Wright, Matthew. 2024. *Euripides and Quotation Culture*. London: Bloomsbury Academic. Edição em brochura, 2026.

Atualização diretamente pertinente. Os capítulos 2, sobre marcas e molduras da citação, e 6, sobre citação como performance, oferecem um percurso de aprofundamento para o caso do *Fénix*. Distinguir a primeira edição de 2024 da brochura de 2026.

Telò, Mario. 2024. *Reading Greek Tragedy with Judith Butler*. London: Bloomsbury Academic.

Leitura complementar para vulnerabilidade, gênero e resistência. O capítulo sobre *Antígona* amplia as questões críticas.

Aristóteles. s.d. "Ρητορική". *Μνημοσύνη Ψηφιακή Βιβλιοθήκη της Αρχαίας Ελληνικής Γραμματείας*. Centre for the Greek Language. Consulta em 4 de novembro de 2026.

- Transcrição grega consultada para Retórica 1.2, 1356a4–5. A edição de Ross permanece referência crítica; a localização Bekker permite cotejo entre edições.

Nauck, August, ed. 1889. *Tragicorum Graecorum Fragmenta*. 2ª ed. Leipzig: B. G. Teubner.

- Fonte do grego de Eurípides, Fénix, fr. 812, vv. 7–9, em reprodução CTS/Perseids. Registrar a diferença de redação relativamente à edição de Ésquines por Adams; não misturar texto de uma edição e morfologia de outra.

Ésquilo. 1990. *Aeschyli tragoediae*. Editado por Martin L. West. Stuttgart: B. G. Teubner.

- Consultado para o contraste editorial de Agamêmnon 177. Esta aula adota τὸν na transcrição de Smyth; West imprime τῷ. A construção sintática precisa acompanhar a leitura escolhida.

Sófocles. 1891. *Sophocles: The Plays and Fragments*. Part 3, *The Antigone*. Edição, tradução e comentário de Richard Claverhouse Jebb. Cambridge: Cambridge University Press.

- Edição adotada para μείζον᾽ em Antígona 182. A elisão permite reconhecer μείζονα, acusativo masculino singular, predicativo de φίλον. Os demais trechos sofoclianos seguem Storr 1912.

Liddell, Henry George, Robert Scott, e Henry Stuart Jones. 1940. *A Greek-English Lexicon*. 9ª ed. Oxford: Clarendon Press.

- Instrumento de controle dos campos lexicais de πίστις, δεινός, τέχνη, γεραίρω e παρείρω.